



Futebol e cartografia: uma análise do Campeonato Brasileiro Série A

Football and Cartography: an analysis of the Brazilian Championship Serie A

Igor Breno Barbosa de Sousa^{*1} , Mateus de Almeida Prado Sampaio², ,
Jéssica Neves Mendes² , Igor Mendes Leite³ , José Sampaio de Mattos Junior⁴ 

¹Núcleo de Tecnologias para Educação (UEMAnet) e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), São Luís, MA, Brasil

Recebido (Received): 13/10/2022

Aceito (Accepted): 22/12/2022

²Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, SP, Brasil

³Curso de Geografia, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

⁴Departamento de Geografia, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, Brasil

E-mail: mapas@usp.br (MAPS); jessicanevesmendes@outlook.com (JNM);

igormendes152@gmail.com (IML); sampaio.uema@gmail.com (JSMJ)

*E-mail para correspondência: iggor_breno@hotmail.com

Resumo: O futebol no mundo, cada vez mais, movimenta um misto de sentimentos que variam desde a alegria à tristeza, nos torcedores, nos apreciadores e nos investidores desse esporte. Os campeonatos, particularmente o brasileiro masculino, apresentou ao longo de sua história metamorfoses e adotou novas configurações nas regras e em seu formato. Este artigo interrelaciona Cartografia e Geografia dos Esportes promovendo discussões acerca da conjuntura recente do “Brasileirão - Série A”. Tem por objetivo analisar a distribuição geográfica dos clubes participantes da divisão de elite do Campeonato Brasileiro, promovendo um debate de cunho regional. Para o seu desenvolvimento foram levadas em consideração aspectos da conjuntura socioeconômica e política no Brasil. Os procedimentos metodológicos se pautam em levantamento bibliográfico, leitura crítica, coleta de dados, produção cartográfica e análises dos resultados. Os resultados apresentam uma tendência à crescente concentração espacial dos clubes participantes e, principalmente, dos campeões. Estes com frequência integram o eixo Rio-São Paulo e apenas perifericamente também Minas Gerais e parte da região Sul do Brasil. As demais regiões, Nordeste, Norte e Centro-Oeste, perderam espaço na divisão principal do campeonato e agora buscam se consolidarem no cenário futebolístico nacional a partir de suas divisões secundárias.

Palavras-chave: Cartografia; Futebol; Brasileirão.

Abstract: Football in the world, more and more, moves a mixture of feelings ranging from joy to sadness in fans, connoisseurs and investors of this sport. The Brazilian male championship, presented throughout its history metamorphoses and adopted new settings in the rules and in its format. This article interrelates Cartography and Geography of Sports promoting discussions about the recent situation of the “Brasileirão - Series A”. It aims to analyze the geographical distribution of the clubs participating in the elite division of the Brazilian Championship, promoting a regional debate. For its development were taken into account aspects of the socioeconomic and political situation in Brazil. The methodological procedures are based on bibliographic survey, critical reading, data collection, cartographic production and analysis of the results. The results show a tendency to the increasing spatial concentration of the participating clubs and, especially, at the champions. These often integrate the Rio-São Paulo axis and only peripherally also Minas Gerais and part of the southern region of Brazil. The other regions, Northeast, North and Midwest, lost space in the main division of the championship and now seek to consolidate themselves in the national football scene at secondary divisions.

Keywords: Cartography; Football; Brasileirão.

1. Introdução

O futebol no mundo cada vez mais movimentava um misto de sentimentos, que variam desde a alegria à tristeza, aplaca torcedores, apreciadores, investidores desse esporte e até mesmo em pessoas geralmente alheias aos cenários futebolísticos, mas que por um algum motivo compartilham de imagens, vídeos ou conversas nos mais sortidos ambientes, sejam estes profissionais, pessoais ou mesmo acadêmicos. Em meio a isso, estão os campeonatos de futebol, ampliando as disputas entre os times e as discussões dos torcedores sobre os resultados, gerando ao mesmo tempo rivalidades e descontrações.

Além dos fatores mencionados anteriormente, que permeiam o futebol e as emoções a ele vinculadas, esse esporte possui também importantes ligações econômicas, políticas e culturais, ou seja, sociais (SOUSA; COSTA; MATTOS JUNIOR, 2021). Tal fato possibilita o desenvolvimento de uma série de dialéticas no panorama do futebol brasileiro. A paixão de se jogar ou assistir futebol pode ser contemplada desde as mais modestas e populares aglomerações humanas nos rincões interioranos do país até nas camadas mais intelectualizadas dos grandes centros metropolitanos, provocando diversas formas de expressões e dramatizações sociais (MASCARENHAS, 2014; DAMATTA, 1982).

É pertinente destacar que a Geografia dos Esportes, conforme foi elucidada por Mascarenhas (1999), parte da compreensão de que os esportes possuem uma lógica própria de espacialização, possibilitando a interlocução e eventualmente convertendo-se em mais uma ramificação no corpo da ciência geográfica. Segundo Frank (2014), os esportes, por serem um fenômeno social com padrões de difusão e institucionalização, podem ser objeto de estudo da Geografia dos Esportes, por exemplo a partir de sua própria territorialização e distribuição espacial.

As ligas nacionais, particularmente o Campeonato Brasileiro de futebol masculino, proporcionam certas configurações espaciais em seus modelos de disputa, promovendo não apenas embates entre os clubes, como ainda possibilidades de análises de cunho regional. Por meio do binômio Cartografia e Geografia dos Esportes este artigo aportará discussões que almejam contribuir para o entendimento do Brasil tendo o futebol enquanto elemento articulador das grandes e desiguais porções territoriais do país.

Nesta pesquisa serão apresentados aspectos do “Brasileirão - Série A”, principal campeonato de futebol do país, também mencionado como “primeira divisão do campeonato brasileiro”. O objetivo geral desse estudo é analisar a distribuição geográfica dos clubes participantes neste torneio nacional nos sucessivos certames ocorridos desde 1959, contando com o auxílio de técnicas cartográficas. Para alcançarmos tal meta, analisaremos concomitantemente a conjuntura política e socioeconômica do Brasil.

Enquanto esclarecimento introdutório acerca da periodização que envolve o campeonato brasileiro de futebol masculino, algumas balizas devem ser apontadas. A realização do primeiro Campeonato Brasileiro de Futebol deu-se em 1959, organizado pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), ainda denominado “Taça Brasil”. Envolveu a participação de todos os campeões estaduais, sendo desse modo o torneio que envolvia todos os estados do país. Em 1967 a disputa passou por uma reformulação radical, sendo disputado neste ano o Torneio Roberto Gomes Pedrosa, uma espécie de torneio Rio-São Paulo ampliado, contando com 5 times de São Paulo, 5 do Rio de Janeiro, 2 do Rio Grande do Sul, 2 de Minas Gerais e 1 do Paraná. Essa opção implicou na não participação de diversos times de menor expressão (e qualidade) das demais Unidades da Federação. Nas edições seguintes foram incluídos também um time da Bahia e outro de Pernambuco.

Em 1971 surgiu a proposta de um novo formato de disputa, que se concretizaria anos mais tarde. Chamado “Campeonato Nacional de Clubes”, que viera com a proposta de englobar times de todas as regiões do País. Gradualmente foram reinseridos times representantes de outros estados: Pará, Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Sergipe em 1972; Maranhão, Piauí, Goiás, Mato Grosso, Distrito Federal e Espírito Santo em 1973. O campeonato de 1980, denominado “Taça de Ouro”, foi o primeiro organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), entidade que em 1987 declarou-se incapaz de promover o torneio naquele ano. Houve muita polêmica, pois os maiores times se organizaram no chamado “Clube dos 13” e promoveram a “Copa União”. A CBF voltou atrás em sua decisão de modo que ocorreram na ocasião dois campeonatos de forma paralela, criando uma grande celeuma.

O Campeonato Brasileiro de 2000 também foi bastante conturbado. Chamado de “Copa João Havelange”, reuniu 116 clubes divididos em quatro módulos, sendo o módulo Azul mais ou menos equivalente à primeira divisão ou grupo de elite. Em 2001 a competição voltou a ter um formato mais tradicional, com 28 times disputando o título máximo do futebol brasileiro. Por fim, em 2003 a “Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol” deu origem ao modelo atualmente vigente, isto é, foi a primeira edição a ser disputada pelo sistema de pontos corridos. Como veremos mais adiante, esse modelo de disputa atualmente vigente parece ter aumentado a distância existente entre as equipes maiores, mais capitalizadas e com maiores massas de torcedores, das demais concorrentes.

2. Materiais e métodos

Os procedimentos metodológicos dessa pesquisa estão estruturados em torno do levantamento bibliográfico, leitura crítica, coleta de dados, produção cartográfica e análises dos resultados. O levantamento bibliográfico foi baseado nos seguintes conceitos-chave da discussão: futebol e cartografia. O recorte teórico de base estreitou-se nos seguintes autores: Mascarenhas (1999; 2014), Miranda (2012) e Fonseca (2014), entre outros. Além disso, reconheceu-se a necessidade de evidenciar os contextos econômicos, políticos e sociais do país de modo alinhado ao objeto de estudo.

Subsequentemente, a coleta de dados foi concentrada nas bases da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e do Grupo de Estudos em Dinâmicas Territoriais da Universidade Estadual do Maranhão (GEDITE/UEMA) no que se refere à tabulação de campeões e participantes do Brasileirão. Além disso, buscamos nas organizações do Atlas Brasil e IBOPE/REPUCOM, dados referentes ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), e o Ranking Digital de Torcidas. Segundo Barbosa (1967), toda essa atividade de coleta de dados é parte inicial da elaboração de um mapa, tendo em vista o objetivo de os representar graficamente, subsidiando assim análises mais amplas.

Segundo Loch (2006), os mapas têm as características típicas de classificar e representar elementos do espaço geográfico empregando simbologias. São meios de geração e compartilhamento de conhecimento e de informações que partem dos criadores/cartógrafos para a comunidade de usuários/leitores (ARCHELA; THÉRY, 2008). Foram realizados diversos tipos de mapas: coro-cromático, coroplético, de símbolo geométrico proporcional e anamorfose.

Os mapas coro-cromáticos (**Figuras 1 e 2**) foram construídos com apoio dos *softwares Philcarto e Inkscape*, este segundo sendo voltado para a edição vetorial das imagens. De acordo com Archela e Théry (2008), expressam sobretudo diferenças qualitativas nominais, não objetivando manifestar ordem ou hierarquia. Como exemplificação, temos as informações de estados que, em algum momento, tiveram times campeões brasileiros na história da Série A (em cor verde). Em contrapartida, a cor de tom cinza claro representa os estados que nunca tiveram campeões em ambos os períodos analisados (1959-2000 e 2001-2020).

A anamorfose gerada (**Figura 3**) foi elaborada a partir de dois *softwares* que foram utilizados de maneira complementar um ao outro: o *Scapetoad* e o QGIS. O primeiro teve por finalidade gerar a anamorfose, ou seja, distorcer a malha territorial a partir do valor da variável analisada (quantidade de times de futebol que disputaram o campeonato), alterando os limites territoriais dos estados. O QGIS, por sua vez, auxiliou no processo de definição das cores graduadas empregadas no mapa, e também em sua legenda. É importante destacar que, os mapas anamórficos fogem às representações cartesianas e “naturalizadas” dos mapas. Por esse motivo, Dutenkefer (2010) reitera que esse tipo de mapa choca o olhar adestrado, pois estabelece uma variação entre o numerador e o denominador em uma relação na qual varia-se a massa espacial em função da sua escala e métrica.

Os mapas de semicírculos opostos (**Figura 4**) e de símbolos geométricos proporcionais (**Figuras 5, 6, 7 e 8**) apresentam informações quantitativas absolutas em uma única ou em duas datas diferentes. Foram elaborados conforme indicações metodológicas clássicas e atuais da cartografia temática (RAISZ, 1948; BRUNET, 1987; MARTINELLI, 1991; ARCHELA; THÉRY, 2008; FERNANDES, 2008; CAUVIN; ESCOBAR; SERRADJ, 2010; SAMPAIO, 2017; SAMPAIO, 2019; DELAZARI, 2019; LAMBERT e ZANIN, 2020). Recaem sobre o número de times registrados ou número de participações no campeonato. Foram elaborados com auxílio dos *softwares Khartis e Philcarto* e representam fenômenos de natureza quantitativa com implantação pontual por intermédio de símbolos cujos tamanhos são proporcionais aos dados. No que diz respeito ao mapa de semicírculos opostos, este também foi feito no *software Philcarto*, tendo sido posteriormente incrementado e finalizado no *Inkscape*. Archela e Théry (2008) pontuam que, quando é necessário comparar os diferentes períodos de uma mesma variável, pode-se recorrer a essa técnica. A principal vantagem desse método é poder representar os times participantes por estado num recorte temporal dividido em dois períodos, ou seja, de 2001 a 2010 e de 2011 a 2020.

Ademais, é importante destacar ainda que no conjunto de mapas construído a escala também obedeceu a preceitos teóricos, sendo utilizada para viabilizar o reconhecimento em nível nacional, sendo categorizada como escala pequena. Por fim, de posse do material bibliográfico levantado e dos dados coletados, analisados e representados cartograficamente, foi possível tecer e melhor embasar as análises doravante expostas com maior e propriedade no estudo.

3. O Brasileirão pré e pós-2001: variados contextos e o atual processo de concentração espacial

Historicamente diversas formas, estruturas e dinâmicas já foram montadas para a realização das disputas em torno do Campeonato Brasileiro, tendo variado ao longo dos cambiantes contextos políticos, econômicos, sociais e culturais do país. Também passou por alterações levando em conta as importantes dinâmicas regionais que envolvem as noções de centralidade e localismos no Brasil. Tal fato se refletiu na configuração das origens dos times participantes e dos campeões ao longo da história do torneio.

O Campeonato Brasileiro, desde a sua criação como Campeonato Nacional de Clubes, em 1971, passou a ser instrumento político dos governos da ditadura militar no Brasil. Mascarenhas (2014) destaca que a conjuntura política repressiva utilizava-se da manipulação do sentimento patriótico por meio do futebol, criando grandes estádios, na esteira das obras faraônicas de desenvolvimento propagandeadas pelo governo, envolvendo a participação de clubes das diversas Unidades Federativas do país – à exceção dos quatro Territórios Federais: Amapá, Acre, Roraima e Rondônia.

Durante as décadas de 1970 e 1980 os campeonatos brasileiros disputados tinham grande número de times e baixa presença média de público; seu real objetivo, segundo Fonseca (2014), seria presentear diversos militares, de várias partes do país, que desejavam ver os seus times do coração, disputando a divisão de elite do futebol nacional. Assim, agradariam determinados públicos, essencialmente, em regiões menos favorecidas economicamente, promovendo a integração nacional e o sentimento nacionalista em todo o território brasileiro. Tal fato, foi ressaltado por Mascarenhas (2014, p. 155), que entende que “tornou-se notório, na época, o ditado: ‘Onde a ARENA vai mal, mais um clube no [campeonato] nacional’”. Era, portanto, também um elemento alienador das massas, “ópio do povo”, desviando para si a atenção da população e evitando com isso discussões politizadas mais acirradas. Devido a essa configuração é possível evidenciar que aproximadamente 26% das Unidades Federativas possuíram clubes campeões da Série A, como mostra a **Figura 1**.

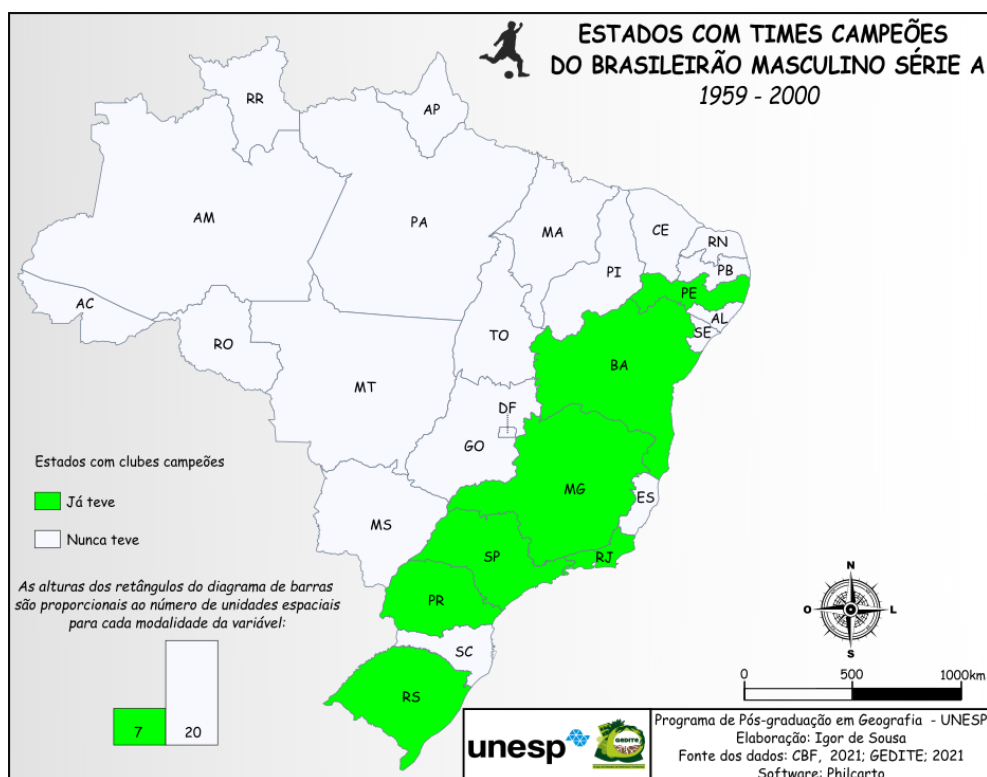


Figura 1: Estados com times campeões do Brasileirão Masculino Série A (1959-2000). Fonte: elaboração própria a partir de CBF (2021) e GEDITE (2021).

Entre os anos 1959 e 2000 houve concentração dos títulos ganhos no eixo Rio-São Paulo e, por vezes, a alternância de campeões provenientes dos estados do Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Os estados da Bahia, Pernambuco e Paraná, com os respectivos times Bahia, Sport e Coritiba, contribuíram para uma tímida diversidade entre os campeões nacionais. Eram tempos de campeonatos com grande número de times e confusos em relação às longas fórmulas de disputa, possuindo critérios de participação contestados e politizados, visando agradar as classes políticas dominantes de todas as Unidades da Federação.

Após 2001 é que emergiu a estrutura atual de disputa do Brasileirão e desde então uma quantidade menor de estados da união já contaram com times que se sagraram campeões (FONSECA, 2014; SOUZA, 2017). Para enfatizarmos essa realidade, vejamos a distribuição de estados com campeões brasileiros pós-2001 na **Figura 2**.

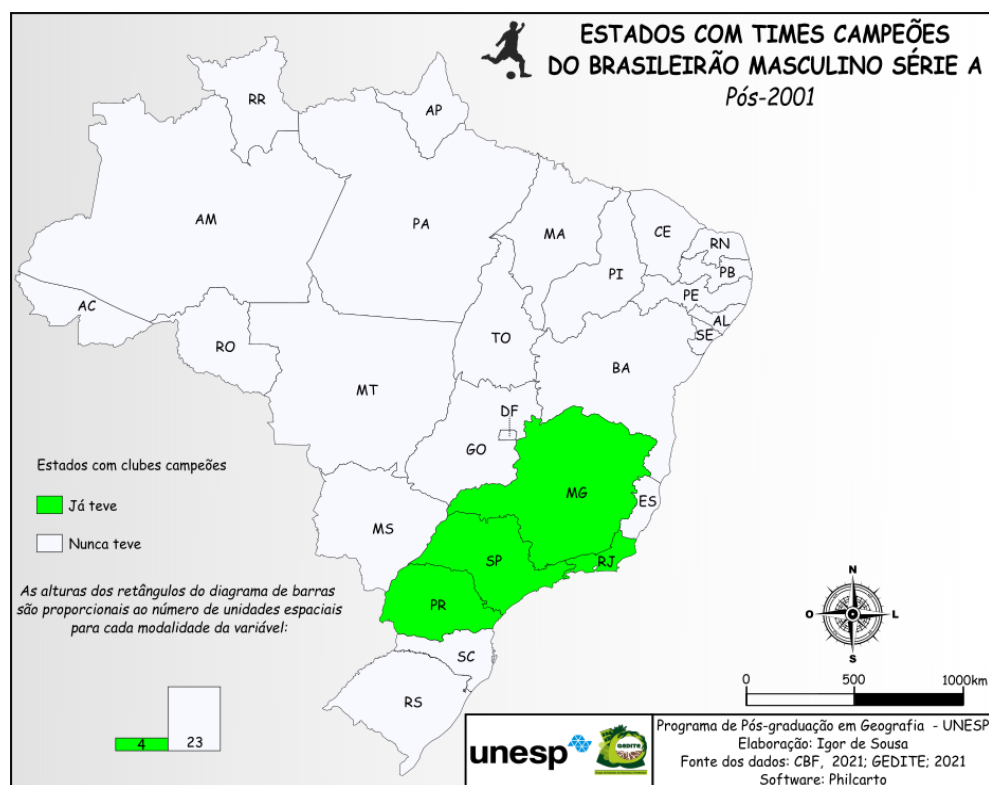


Figura 2: Estados com times campeões do Brasileirão Masculino Série A (Pós-2001). Fonte: elaboração própria a partir de CBF (2021) e GEDITE (2021).

A partir da **Figura 2** fica perceptível a ausência de estados que anteriormente já obtiveram clubes campeões brasileiros, reforçando-se a continuidade da centralização no eixo Rio-São Paulo, perifericamente estendido também para Minas Gerais, bem como, uma pequena contribuição do Paraná (Athletico Parananense foi campeão em 2001). Esse cenário mais centralizado e concentrado, segundo Araújo Junior, Shikida e Monasterio (2003), pontua-se em mudanças ocorridas no meio futebolístico principalmente advindas de alterações econômicas e tecnológicas relacionadas à televisão, aos direitos de imagens, captação de receitas e participação de investidores estrangeiros no futebol brasileiro.

Nessa perspectiva, para além dos mecanismos de comerciais e do sistema de transmissão *pay-per-view* da televisão, Giulianotti (2010, p. 118) reforça que, “a experiência do futebol tornou-se cada vez mais sinônimo de placas de publicidade, patrocínio de camisas, comerciais de televisão, patrocínio de ligas e copas e a comercialização da parafernália do clube”. Mascarenhas (1999) compreende que as práticas esportivas, notadamente o futebol profissional, tornou-se uma atividade econômica altamente ligada à ideia de geração de lucro a partir do oferecimento à sociedade de um conjunto de artigos de consumo ligados às paixões clubistas e envolto na ideia de entretenimento. Nota-se, também, que se tornou parte fundamental da centralização espacial dos campeões brasileiros o seu engajamento em redes sociais e programas sócio torcedor.

Particularmente, no que se refere às mudanças nas fórmulas de disputas, como já foi brevemente mencionado, a partir de 2001 o Campeonato Brasileiro de clubes da Série A passou a ser resultado das modificações oriundas da Copa João Havelange, em 2000. O sistema misto de competição combinado em turno classificatório, e finalizado em jogos eliminatórios, comumente chamado de “mata-mata”, reuniu 28 participantes em 2001, com base no desempenho esportivo do anterior, e perdurou até o ano seguinte, apenas diminuindo o número de participantes para 26.

Entretanto, o ano de 2003 pode ser considerado um marco temporal na história do Brasileirão, pois representa uma nova mudança no formato da competição, dentre as tantas na história, a mais consistente, uma vez que desde então prevaleceu o sistema de pontos corridos amplamente difundido nas principais ligas

do mundo. Segundo Miranda (2012), essa redução do número de times participantes do Brasileirão, com critérios de rebaixamento e acesso a divisão de elite bem definidos, foi parte do sistema de controle criado pela CBF com o objetivo de manter apenas 20 equipes na Série A. Desse modo, as mudanças nas fórmulas de disputa e na quantidade de participantes ocorridas após 2001 repercutiu em alterações na distribuição espacial dos times, estados e regiões presentes no Brasileirão. Vejamos a **Figura 3**.

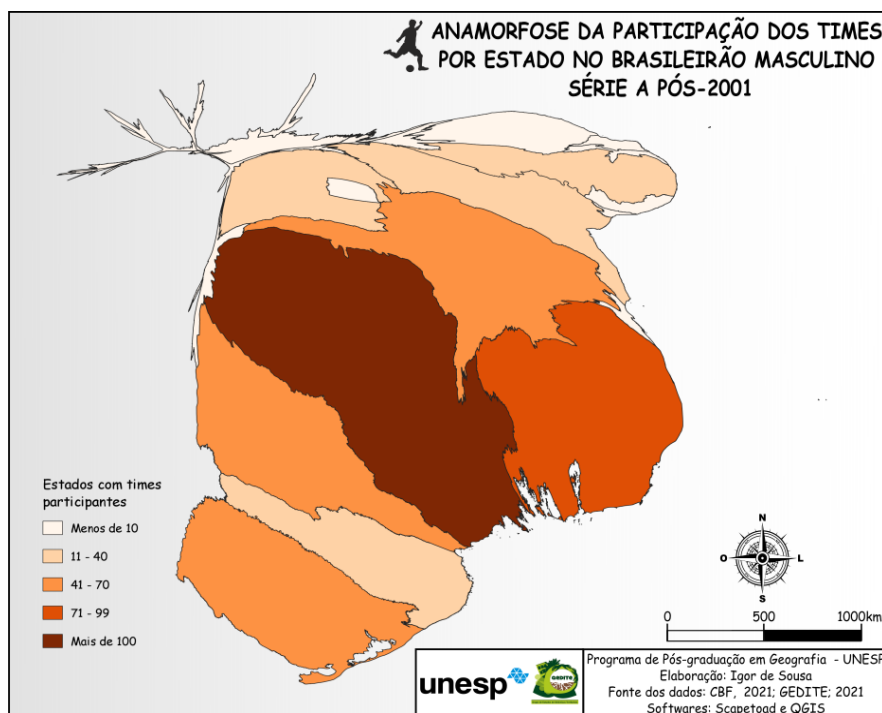


Figura 3: Anamorfose da participação dos times por estado no Brasileirão Masculino Série A Pós-2001. Fonte: elaboração própria a partir de CBF (2021) e GEDITE (2021).

Ante a **Figura 3** exposta, podemos observar a predominância da participação de times no Brasileirão oriundos do eixo Rio-São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, acompanhados dos estados do Paraná e Santa Catarina, além de momentâneas aparições dos estados da região Nordeste (representada por Bahia, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte) e uma participação pontual da região Norte (estado do Pará). Sobre isso, Mascarenhas (2014) ressalta que:

A partir de 2003, finalmente a Confederação Brasileira de Futebol estabeleceu um calendário nacional com regras perenes e obediência integral ao princípio do mérito técnico. Longe, portanto, do esquema vigente desde os tempos da ditadura militar em que os clubes eram convidados a participar do campeonato nacional por motivos diretamente políticos. Transitamos de uma lógica política para uma lógica econômica. O futebol, que antes servia ao Estado autoritário, hoje serve às grandes empresas (MASCARENHAS, 2014, p. 189).

Tendo em vista a prevalência da lógica econômica como elemento substancial vigente no novo modelo de disputas no futebol brasileiro, Miranda (2012) enfatiza que na luta por espaço no campo esportivo, maiores poderes de oferta e de organização são determinantes para ascender na disputa pelo domínio do mercado. Essas disputas são refletidas no espaço geográfico, haja vista que, segundo Mascarenhas (2014), existe uma predominância de clubes metropolitanos e das regiões mais ricas e dinâmicas no certame da série A. Para elucidar essa perspectiva de crescente concentração espacial dos times que disputam e que ganham o Brasileirão, dividimos o período pós-2001 em dois momentos com recortes temporais iguais, de dez anos cada um. Vejamos a **Figura 4**.

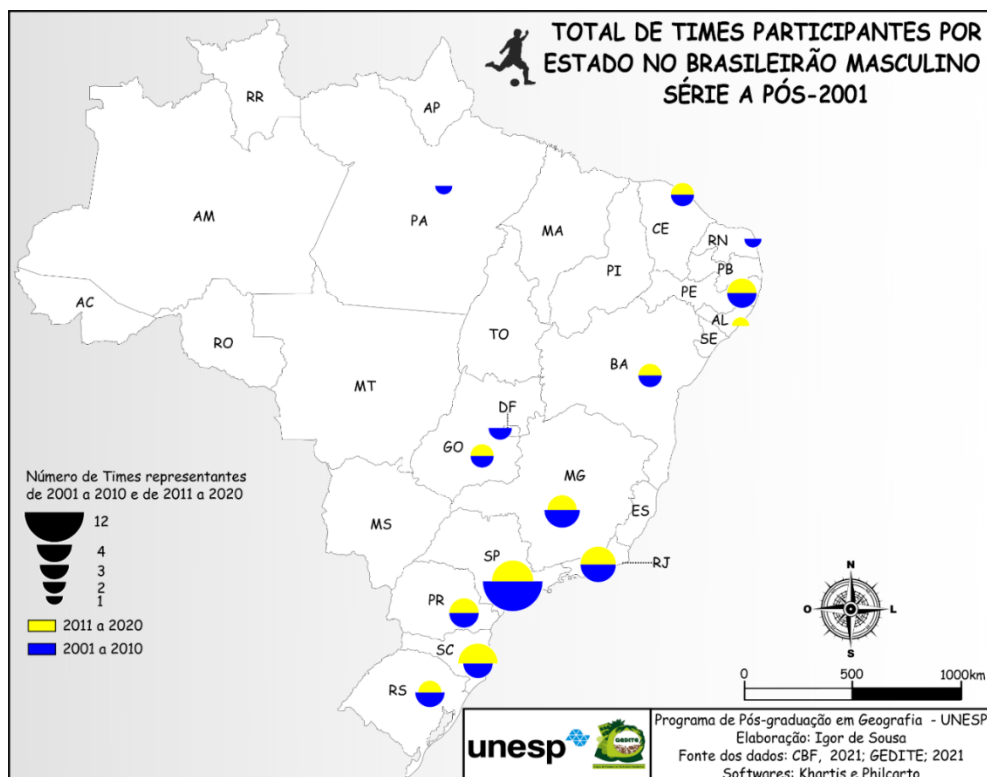


Figura 4: Total de times participantes por estado no Brasileirão Masculino Série A Pós-2001. Fonte: elaboração própria a partir de CBF (2021) e GEDITE (2021).

Observando o mapa anterior (**Figura 4**), destacamos alguns pontos importantes a serem ressaltados. O primeiro se refere aos estados com cores mais escuras, onde se concentra o maior número de times representantes ao longo dos 20 anos recentes do Brasileirão (2001-2020), reforçando a discussão anterior acerca da hegemonia do eixo Rio-São Paulo, Minas Gerais e os estados da região Sul e da maior dinamicidade dos times dentro desse recorte espacial.

Mas, quando diferenciados dois subperíodos (2001-2010 e 2011-2020) salienta-se o aumento do número de participantes do estado de Santa Catarina (Avaí, Chapecoense, Criciúma, Figueirense e Joinville), e a pequena diminuição dos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Particularmente, essa dinâmica é consequência da diversidade de times representantes catarinenses, e de uma maior seletividade entre os times paulistas (com a exclusão ou diminuição de participações de equipes como Portuguesa, Botafogo de Ribeirão Preto, Guarani, Ponte Preta, São Caetano, Santo André, Grêmio Barueri/Prudente). Por outro lado, a região Nordeste diminui a sua participação na Série A. Sobre esse fenômeno de cunho regional, Mascarenhas (2014, p. 189) pontua:

[...] durante o período 1971-1986 os clubes nordestinos tinham mantido a impressionante média anual de 30% do total dos participantes no campeonato nacional (era a região com maior número de clubes no certame). Em contraste, no período atual (2003-2013), sua participação se reduziu à média anual de 11 pontos percentuais, ou seja, pouco mais de um terço que habituara a desfrutar no período anterior.

Quantitativamente, os estados do Nordeste possuem características semelhantes, no que se refere à alternância de clubes do mesmo estado, isto é, quando um clube está na série A o outro está em divisões inferiores e, em meio a essa configuração, cabe ressaltar também que são clubes rivais e todos estão localizados nas capitais nordestinas. Exemplificando, no Ceará temos os times do Fortaleza e o Ceará; em Pernambuco, o Sport, Santa Cruz e Náutico; na Bahia, o Vitória e o Bahia. As ressalvas a esse comportamento oscilante dos times nordestinos são os estados do Rio Grande do Norte e Alagoas, representados, respectivamente, por América de Natal e CSA, que fizeram participações pontuais nos campeonatos dos anos de 2007 e 2019.

Em relação ao Centro-Oeste, o estado de Goiás concentra a maior parte das participações, mesmo com Goiás e Atlético Goianiense mantendo estreitas relações entre acessos e descensos da série principal. Contudo, vale ressaltar que na diversidade de representantes, o Distrito Federal iguala-se ao estado de Goiás, uma vez que, o Gama e o Brasiliense disputaram as primeiras edições do campeonato após sua reformulação.

Entretanto, em termos de participação a Capital Federal sofre ampla desvantagem em relação ao estado de Goiás. Mascarenhas (2014) destaca que o Centro-Oeste mantinha, antigamente, pelo menos 10% das vagas de participantes das disputas, e atualmente apresenta um percentual pela metade, ou seja, aproximadamente 5% das vagas.

Compartilhando desse desprestígio, de forma até mais aguda e preocupante, está a região Norte. Esta foi representada apenas por um único estado, o Pará, que teve o time do Paysandu participando nos anos de 2002, 2003, 2004 e 2005. Por esse motivo, podemos dizer que a região Norte entrou numa espécie de ostracismo e marginalização da série A do campeonato. Se compararmos com os dados levantados por Mascarenhas (2014), durante a ditadura militar a região Norte costumava contar com posições cativas na elite nacional, com pelo menos 7% das vagas e, mais recentemente, encontra-se integralmente excluída, haja vista que nenhum time nortista participou do sistema de pontos corridos com 20 times na série A, iniciado a partir de 2006 (JESUS, 2021).

Outros fatores, além dos esportivos e políticos, podem elucidar essa dinâmica das distribuições dos times participantes por regiões ou estados. Nesse caso, buscamos destacar através da **Figura 5** e da **Figura 6**, como o meio econômico, ou mais especificamente, como o IDHM se relaciona com o número de estados com participações no Brasileirão Série A. Essas figuras revelam ainda uma tendência de diminuição na quantidade de times que participaram da divisão de elite do futebol brasileiro quando comparadas as duas décadas: uma provável explicação reside no aumento da competitividade do torneio e conseqüente exclusão de equipes menos competitivas.

A partir das **Figuras 5 e 6** podemos destacar a existência, em algumas áreas do país, de correlações mais próximas entre a faixa do IDHM e a participação de clubes na Série A. Por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e os estados da Região Sul concentram grande parte das participações de times e simultaneamente ocupam as duas primeiras faixas de IDHM mais elevado (ou seja, de 0,700 a 0,799 e de 0,800 a 1). Embora esta não seja uma relação cabal, existindo entre as exceções tanto casos de IDHM alto e pouca presença de times (Distrito Federal, por exemplo) quanto de IDHM mais baixos e presença mais significativa de times (Bahia, Ceará, Pará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagoas), ainda assim os Coeficientes de Determinação e a Correlação de Pearson tendem a apresentar uma correlação positiva.

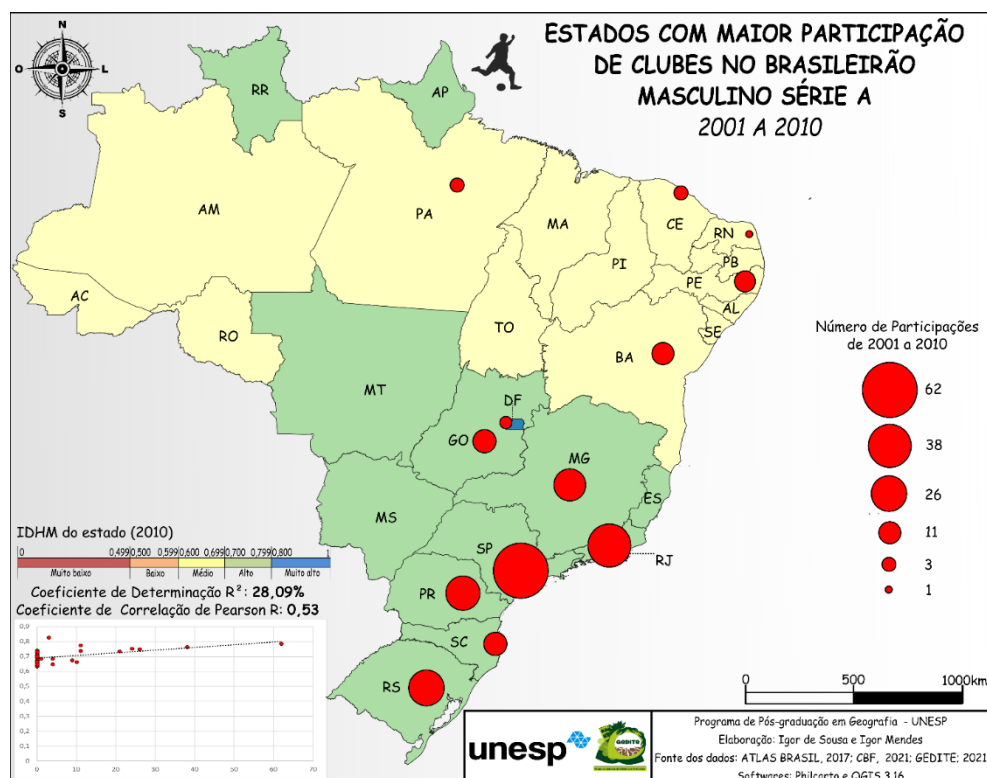


Figura 5: Estados com a maior participação de clubes no Brasileirão Série A (2001 a 2010). Fonte: elaboração própria a partir de ATLAS BRASIL (2017), CBF (2021) e GEDITE (2021).

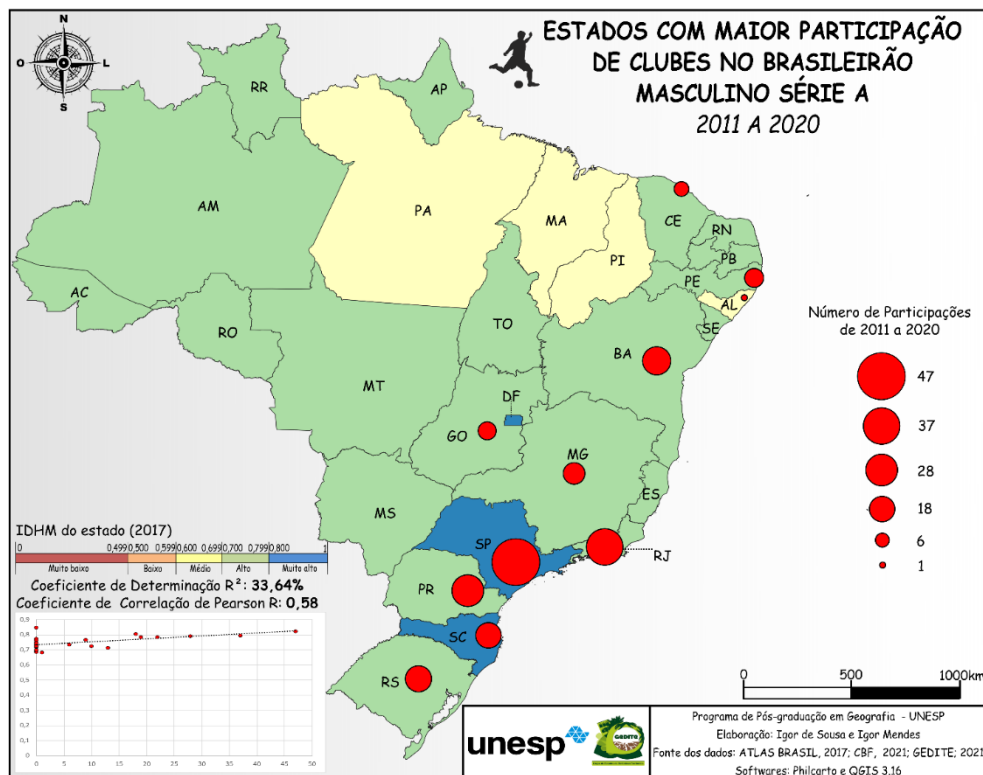


Figura 6: Estados com maior participação de clubes no Brasileirão Série A (2011 a 2020). Fonte: elaboração própria a partir de ATLAS BRASIL (2017), CBF (2021) e GEDITE (2021).

Araújo Junior, Shikida e Monasterio (2003) já destacavam que historicamente as regiões de mais elevada renda apresentavam maior chance de terem equipes entre as melhores classificadas do Brasileirão. Tal configuração foi acentuada, segundo Mascarenhas (2014), à redução do número de clubes participantes e ao sistema de pontos corridos, que beneficiou os estados do Sul e Sudeste – coincidentemente ou não aqueles com maior Produto Interno Bruto (PIB). Assim, a força do mercado consumidor interno parece atuar no sentido de garantir maior aporte de investimentos em propagandas, maior consumo de produtos associados ao futebol e cotas televisivas (MIRANDA, 2012). Com isso a situação tornou-se mais desigual, aguçando a competitividade sobretudo dos grandes times da região concentrada (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

Além disso, as ações políticas, econômicas e, claro, também esportivas, afetam diretamente a variável torcida. Tal fato é elucidado por DaMatta (1982), quando nos propõe, teoricamente, pensar o futebol como uma atividade da sociedade, tendo em vista que o esporte exprime perspectivas ligadas às relações, objetos, gestos, ideologias, paixões, etc. dentro de um contexto de espaço social. Torcedores e torcedoras, a partir da intensidade de seus sentimentos pelos clubes, colocados socialmente, são capazes de dinamizar e promover potencialmente a valorização (ou desvalorização) das equipes futebolísticas.

Baseando-nos nas redes sociais, destacamos os estados que, pelo Ranking Digital proposto pelo IBOPE/REPUCOM, apresentam um quantitativo mais elevado de seguidores dos perfis oficiais e páginas dos clubes no Facebook, Twitter, Instagram, YouTube e TikTok (**Figura 7**). Cabe destacar que o critério estabelecido pelo IBOPE/REPUCOM leva em consideração todos os 20 clubes da Série A, incluindo ainda os demais 30 clubes com as maiores bases digitais do país em 2022. Avalia, portanto, 50 equipes diferentes.

Desse modo, observa-se a partir da **Figura 7** que, assim como as discussões em torno de temas relacionados à política e a economia, as redes sociais também e cada vez mais são um palco de manifestações esportivas. O potencial mercadológico e influenciador desse crescente engajamento dos clubes poderá se tornar em breve outro fator indutor de maior concentração dos times em condições de lutarem por títulos na divisão de elite do campeonato brasileiro.

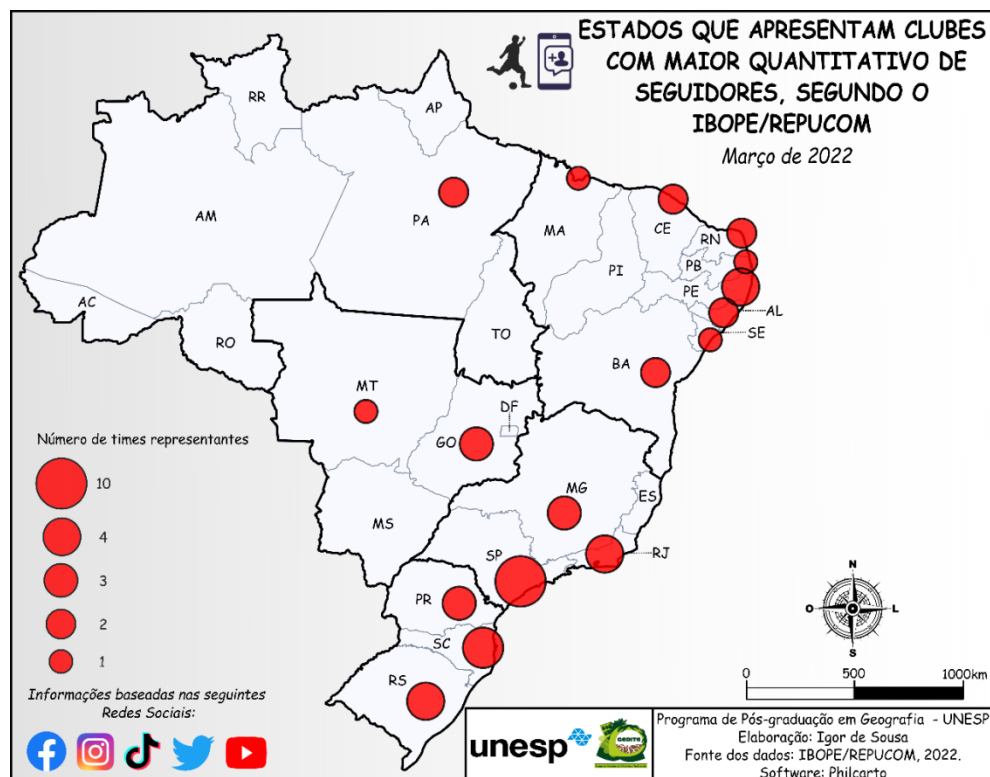


Figura 7: Estados que apresentam clubes com maior quantidade de seguidores nas redes digitais (março/2022). Fonte: elaboração própria a partir de IBOPE/REPUCOM, 2022.

Nesse caso, reforçaria a participação dos estados mais densamente ocupados e economicamente dinâmicos, concentrados nas regiões Sul e Sudeste do país, onde estão os clubes com maior número de seguidores em seus perfis oficiais. Na listagem IBOPE/REPUCOM, composta por 50 equipes, 29 são dessas duas regiões dominantes. Em seguida vem a região Nordeste. Ainda que esta tenha um número de estados maior que a somatória das regiões Sul e Sudeste, possui menos da metade de times representados. São no total 14 clubes entre os 50 principais. Posteriormente o Centro-Oeste e o Norte possuem o menor quantitativo de clubes neste ranking, totalizando respectivamente quatro e dois. Cabe ressaltar que nem todos os clubes que ocupam esses lugares no ranking digital estão na primeira divisão, alguns sequer dela já participaram. Os grandes clubes do eixo Rio-São Paulo atraem aficionados do país todo e Miranda (2012, p. 10) destaca três fatores preponderantes para a manutenção da hegemonia desses dois estados:

[...] o Campeonato Brasileiro ainda permanece com uma estrutura que favorece clubes de São Paulo e Rio, devido à distribuição de renda, valorizada em relação ao número de torcedores/consumidores espalhados pelo Brasil, garantindo mais verba aos clubes que possuem grande número de torcedores e preferidos pela TV devido a maior facilidade de lucro, tanto por parte das emissoras, como dos patrocinadores.

Somado a isso, a cobertura midiática massiva dos grandes clubes impacta na cultura de torcer, fortificando assim, o processo de concentração espacial que decorre desde os anos 1970 (JESUS, 2021; MASCARENHAS, 2014). Logo, os torcedores, cada vez mais vistos como consumidores, são parte fundamental da busca pelo lucro e pela evidência nas diversas mídias.

4. Conclusões

Entender a divisão de elite do campeonato brasileiro (Série A) vai além dos analisar jogos, resultados, jogadores ou clubes participantes tomados isoladamente. Nesta discussão que propusemos a partir de preceitos da Geografia dos Esportes e da Cartografia, oferecemos uma visão geográfica que decorre do entendimento dos fatores políticos, econômicos e sociais.

A partir da análise estatística e cartográfica elaborada ficou nítido que há em curso um processo de concentração das participações e das conquistas dos campeonatos por clubes da Região Sudeste. Como apresentado, os mapas apontam para uma certa correlação espacial entre estados com mais equipes

participantes, mais equipes vencedoras, existência de melhores índices de IDHM e maior número de times compondo o Ranking Digital dos Torcedores.

Com uma maior mercantilização do esporte, as dinâmicas das redes sociais, os direitos de transmissões de televisão, a lógica do lucro por trás dos patrocinadores e a conjuntura de estímulo ao *marketing* e ao consumo são elementos com grande potencial de promover ainda maior concentração em torno das regiões mais dinâmicas: Sul e Sudeste. É também pertinente destacar que alguns movimentos bastante recentes no futebol brasileiro profissional, como a criação das Sociedades Anônimas do Futebol (SAF) podem, num futuro bastante próximo, incrementar ainda mais tal dinâmica de concentração.

O cenário que se desenha e que se mantém promove maior participação daqueles times que já são grandes, já se sagraram campeões, clubes melhor estruturados, socialmente mais engajados e provenientes, em sua maioria, inseridos do eixo Rio-São Paulo. Ainda no plano regional, Nordeste, Centro-Oeste e Norte, diante dessa estrutura desigual de disputa, entre as ascensões e os descensos de seus clubes, são regiões cada vez mais relegadas às divisões secundárias, tirando, de certo modo, o caráter nacional mais abrangente que outrora o campeonato brasileiro possuía.

Agradecimentos

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Referências

ARAÚJO JÚNIOR, A. F.; SHIKIDA, C. D.; MONASTERIO, L. M. Abrindo a “caixinha de surpresas”: Uma análise econométrica do futebol brasileiro. **WorkingPaper (WP3)**. IBMEC/MG, 2003.

ARCHELA, R. S; THÉRY, H. Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos. **Confins**, [S.L.], n. 3, p. 1-23, 1 jul. 2008. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/confins.3483>.

ATLAS BRASIL. **IDHM**. 2017. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/>. Acesso em: 25 maio 2022.

BRUNET, R. **La carte, mode d'emploi**. Paris: Fayard/Reclus, 1987.

CAUVIN, C.; ESCOBAR, F.; SERRADJ, A. **Thematic Cartography and Transformations**. London: ISTE Ltd, 2010.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Futebol Brasileiro**. 2021. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro>. Acesso em: 5 maio 2022.

DAMATTA, R. Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R.; FLORES, L. F. B. N.; GUEDES, S. L.; VOGEL, A. (orgs). **Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982. Cap. 1. p. 19-42.

DELAZARI, L. S. **Cartografia Temática**. 2019. Apresentação de PowerPoint. 16 slides.

DUTENKEFER, E. **Representações do espaço geográfico**: mapas dasimétricos, anamorfoses e modelização gráfica. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FERNANDES, M. G. **Cartografia**: programa, conteúdos e métodos de ensino. Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2008, 176p.

FONSECA, V. L. B. **Lugares e Territórios na cultura do futebol brasileiro**. 2014. Tese (Doutorado) em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

FRANK, B. J. R. Introdução às Teorias da Geografia dos Esportes: um esboço inicial. **Efdeportes**, Buenos Aires, n. 188, p. 1-8, jan. 2014.

GEDITE. **Base de Dados do Futebol Brasileiro**. 2021. Disponível em: <https://www.gediteuema.com/>. Acesso em: 10 maio 2022.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria Ltda., 2010. Tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes.

IBOPE/REPUCOM. **Ranking Digital de Torcidas**. 2022. Disponível em: <https://www.iboperepucom.com/br/>. Acesso em: 10 maio 2022.

JESUS, W. M. de. **O futebol e a produção do espaço**: São Luís do Maranhão em jogo. 2021. TCC (Graduação) no Curso de Geografia da Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

LAMBERT, N., ZANIN, C. **Practical handbook of Thematic Cartography - principles, methods and applications**. Boca Raton: CRC Press, 2020.

LOCH, R. E. N. **Cartografia**: representação, comunicação e visualização de dados espaciais. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. 313 p.

MARTINELLI, M. **Curso de Cartografia Temática**. São Paulo: Ed. Contexto, 1991.

MASCARENHAS, G. **Entradas e bandeiras**: a conquista do brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014. 256 p.

MASCARENHAS, G. A Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova**: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales., Barcelona, v. 35, p. 1-12, 1 mar. 1999.

MIRANDA, T. de C. **40 anos do Campeonato Brasileiro ou Torneio Rio – São Paulo**. 2012. TCC (Graduação) no Curso de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

RAISZ, E. **General Cartography**. Nova York: Mc Graw-Hill Book Company INC., 1948.

SAMPAIO, M. de A. P. **Cartografia temática enquanto método e resultado de pesquisa**: a relação entre o Philcarto e o IBGE. *Cadernos CERU*, 28(1), p. 33-42, 2017. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/137118>, acesso em 13 nov. 2022.

SAMPAIO, T. V. M. **Cartografia Temática**. Curitiba: UFPR, 2016.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil – território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.

SOUSA, I. B. B. de; COSTA, Gabriel Costa da; MATTOS JUNIOR, José Sampaio de. A geografia das quatro linhas: o futebol e a geopolítica nas rivalidades das seleções nacionais. **Brazilian Journal of Development**, [S.L.], v. 7, n. 9, p. 92367-92390, 23 set. 2021. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n9-414>.

SOUZA, W. F. de. **A Geografia do futebol brasileiro**: esporte e relações político-econômicas. 2017. Dissertação (Mestrado) em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017.



Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição- NãoComercial-CompartilhaIgual (CC BY-NC-SA)*.